

AMÓS OZ



Sumchi

Uma fábula de amor e aventura

TRADUÇÃO DO HEBRAICO
Paulo Geiger

ILUSTRAÇÕES
Carla Caffé



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1978 by Amós Oz
Copyright das ilustrações © 2019 by Carla Caffé
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Soumchi [סומחי]
CAPA Claudia Espínola de Carvalho
ILUSTRAÇÕES DE CAPA E MIOLO Carla Caffé
PREPARAÇÃO Cláudia Cantarin
REVISÃO Valquíria Della Pozza e Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oz, Amós, 1939-2018.
Sumchi : uma fábula de amor e aventura / Amós Oz ; tradução Paulo Geiger ;
ilustrações Carla Caffé. — 1ªed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original: סומחי.
ISBN 978-85-359-3214-0
1. Ficção. 2. Ficção israelense. I. Título.

19-23930

CDD-892.43

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura israelense 892.43
Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2019]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Para meus filhos, Fania, Galia e Daniel

Sumário

INTRODUÇÃO — Sobre trocas	9
1. Assim floresceu o amor	13
2. Uma alma grande e generosa	21
3. “Quem subirá à montanha do Senhor?”	35
4. O patrimônio ou a vida	49
5. Com todos os diabos	67
6. Tudo está perdido	79
7. Uma noite de amor	93
EPÍLOGO — Tudo bem	115
GLOSSÁRIO E NOTAS	121

Introdução

Sobre trocas

Na introdução surgirão diversas ideias, lembranças, comparações e conclusões. Pode-se pular tudo isso e ir diretamente ao primeiro capítulo, onde a história de fato começa.

Tudo se troca. Por exemplo, a maioria dos meus conhecidos e amigos trocam uma casa velha por uma casa nova, trocam entre si cumprimentos de bom-dia, trocam ações por títulos de renda fixa, ou, ao contrário, trocam bicicleta por motocicleta e mo-

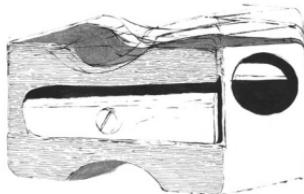
tocicleta por automóvel. Trocam selos e moedas, trocam de cortina e de profissão, trocam cartas, trocam ideias e opiniões, e há quem troque sorrisos. No bairro de Shaarei Chessed morou um caixa de banco que em um único mês trocou de casa e de mulher, trocou o aspecto de seu rosto (deixou crescer um bigode vermelho e longas costeletas, avermelhadas também), trocou o nome, o sobrenome e seus hábitos de alimentação e de sono; resumindo, trocou tudo. Um belo dia esse caixa se tornou baterista de um clube noturno. (Mas na verdade não foi um caso de troca, foi como uma meia na qual se enfia a mão para revirá-la toda, de dentro para fora: foi uma reviravolta, e não uma troca.)

E, aliás, enquanto estamos falando e filosofando, o mundo à nossa volta vai se trocando também: o verão ainda está azul e transparente em todo o país, ainda faz calor e o céu queima lá em cima, mas já se pode sentir à tardinha um novo frescor. À noite o vento sopra trazendo o cheiro de nuvens. E as folhas começam lentamente a avermelhar ou acastanhar, o mar

está um pouco mais azul do que estava, a terra um pouco mais marrom, e até os ecos distantes estão um pouco mais distantes.

Tudo.

Eu, quando tinha mais ou menos onze anos e alguns meses, fiz quatro ou cinco trocas no mesmo dia. Esta história pode começar com David Tsemach e pode começar com Esti. Vou começar com Esti.



1. Assim floresceu o amor

Neste capítulo finalmente serão reveladas algumas coisas particulares que até hoje foram mantidas em total segredo, entre elas o amor e outros sentimentos.

Havia em nossa rua, a rua Zecharia, uma menina chamada Esti. Eu a amava. Pela manhã, à mesa do desjejum, com uma fatia de pão na boca, eu dizia baixinho para mim mesmo: “Esti”. Ao que me pai respondia dizendo:

“Não abra a boca enquanto está mastigando.”
E à noite diziam de mim:

“O menino maluco trancou-se de novo no banheiro e ficou brincando com água.”

Mas eu não estava brincando com água, só enchia bem a pia e com o dedo escrevia o nome dela na superfície das ondas. Às vezes, à noite, sonhava que Esti de repente apontava para mim na rua e gritava: “Ladrão! Ladrão!”, e eu, assustado, começava a fugir e ela me perseguia, e todos me perseguiam, Bar Kochba Sochovolsky e Goel Germansky e Aldo e Eli Weingarten, e a perseguição continuava por pátios e quintais, passando por cercas e ferros-velhos, ruínas e ruelas, e todos os que me perseguiam iam se cansando e aos poucos começavam a desistir e a ficar para trás, e apenas Esti corria atrás de mim sem diminuir o ritmo e no fim só nós dois corríamos e chegamos quase juntos em um lugar distante, um depósito de madeira ou uma lavanderia num telhado, ou numa sombra escura em forma de triângulo no vão da escada de uma casa estranha, e então o sonho ficava doce e terrível, e de tanta vergonha a gente acorda quase chorando um pouco, à noite. Escrevi dois poemas de amor no ca-



derno preto que perdi no bosque de Tel-Arza, e talvez seja bom que eu o tenha perdido.

E o que Esti sabia?

Esti não sabia de nada. Ou sabia e se espantava.

Por exemplo: uma vez, na aula de geografia, eu levantei o dedo e, quando me deixaram falar, eu disse com grande convicção:

“O lago Chule também se chama Sumchi.”

É claro que toda a turma explodiu numa grande e abominável gargalhada. O que eu disse era verdade, verdade verdadeira, de acordo com a enciclopédia, e mesmo assim nosso professor, o sr. Shitrit, se confundiu por um instante e até me perguntou com raiva:

“E com base em quê você afirma isso?”

Mas a turma já estava uma balbúrdia, além de todo limite, e de todos os lados gritavam sem parar:

“Sumchi, Sumchi, com base em Sumchi!”, e o sr. Shitrit ficou inflado e vermelho e berrou, como costumava fazer:

“Calem-se todas as bocas!”

E também: